



OTG TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

ORGANIZEMO-NOS

PARA AS ELEIÇÕES DE DEPUTADOS

As eleições para deputados vão realizar-se em Novembro. A classe têxtil que sempre tem participado nas grandes jornadas populares pela instauração das liberdades fundamentais, pelas liberdades sindicais, pela legalidade e contra as propensões, as arbitrariedades e as violências de um governo anti-popular e divorciado da nação, estará igualmente presente nas jornadas políticas que se vão realizar.

A apresentação de candidatos a deputados pela Oposição é de um grande interesse nacional. Para que a sua acção seja profícua é fundamental que eles se sintam ligados ao povo e apoiados pelo povo através de uma vasta rede de Comissões Cívicas Eleitorais a constituir por todos os lados.

Presentemente a nossa classe sindical não tem quaisquer Comissões formadas. Entretanto a indústria têxtil localiza-se nos distritos de Braga, Porto, Castelo Branco, Lisboa e Setúbal e nós somos mais de uma centena de milhar de trabalhadores que pela nossa própria organização podemos constituir um sólido apoio à acção dos candidatos do povo. Por outro lado, a formação das Comissões Eleitorais por empresa proporcionará, além de outras acções, uma maior participação da nossa classe quer na discussão dos problemas nacionais, quer no tornar mais conhecidos os nossos próprios problemas.

Nós, operários têxteis, sentimos constantemente ameaçados pelo desemprego, desbocamentos e ferozes e desenfreada exploração e infernais ritmos de trabalho a que somos submetidos, os baixos salários rebaixados ainda com o constante agravamento do custo de vida, com os castigos, as multas, os roubos e os descontos, enquanto nos nossas lares domina a miséria mais atroz,

a fome e a doença. Devemos debater publicamente esta situação e torná-la conhecida dos candidatos do povo que se apresentam pelos nossos distritos. Ao mesmo tempo a liberdade sindical é uma reivindicação de todos os trabalhadores para que os seus sindicatos se tornem independentes do governo, representando e defendendo os interesses

AMNISTIA!

251 homens e mulheres do Porto escreveram ao presidente da República pedindo um inquérito à actuação do P. J. D. E. «Uma total amnistia dos presos e cédula por políticos. Eles sóiram todos os portugueses a associarem o novo pedido. Respondamos a este humano apelo! A SEM MGS TODOS! RECLAMAMOS AMNISTIA!

dos trabalhadores.

Para poderem corresponder, porém, à actividade política que se aproxima urge ultrapassar rapidamente o atraso em que nos encontramos, constituindo Comissões Cívicas Eleitorais por empresa, por localidade, por região. O atraso em que se encontram igualmente as

(continua na 4ª pág.)

CONTRA O AUMENTO DA COTIZAÇÃO SINDICAL

O escândalo do aumento da cotização decidido pelo sindicato do Porto sem a autorização da classe continua sem ser punido como merece. E no entanto o ministro das Corporações está ao corrente deste novo roubo de dez tostões nos nossos salários e não faz nada contra a direcção. É o próprio ministro, é o governo, pois é responsável; o governo está assim a encobrir os seus locais, a dar maiores possibilidades de continuarem as suas manufacturas com o dinheiro dos trabalhadores. Desde há 6 anos que esses locais dos patrões e do governo não apresentam contas à classe. Ora nesses 6 anos o Sindicato recebe em cotas dos 25.000 têxteis do distrito cerca de 2.700 CONTOS! O que fez a esse dinheiro? Nada nos diz e agora, sem essas explicações, resolve aumentar a cota. Eles prepararam-se desde para receber mais 75 contos por mês, ou sejam 62.500.000, o que faz por ano 750 CONTOS! Para quê?

Nós não consentiremos este roubo! Nem mais um tostão para um sindicato que nada faz por nós, que está ao serviço dos patrões contra nós NEM MAIS UM TOSTÃO E QUEREMOS CONTAS DO NOSSO DINHEIRO!

Por isso toda a classe deve assinar

a exposição ao presidente do Sindicato em que se diz que somos contra «o aumento da cota da inscrição e do custo dos Estatutos» porque «não podemos considerar válido o que nessa assembleia foi determinado», porque «continuamos a receber salários muito inferiores a outras classes, mantendo-se o regime de férias anuais de 6 dias apenas», porque «tem sido manifestamente nula a acção dessa Direcção na defesa dos interesses dos associados».

Assinemos todos esta exposição assim como a outra ao ministro das Corporações pedindo providências no sentido de se fazer cumprir integralmente os Estatutos». Mas as exposições não bastam. É PRECISO AGIR!

Na Fábrica de Tecidos AVENIDA, no primeiro dia em que foram descontados mais dez tostões para a cota, as operárias prestaram um dito que aquilo era um roubo. Os culpados são os dirigentes do Sindicato, os patrões e o governo.

É preciso unirmo-nos e irmos todos em massa ao Sindicato pedir resposta à nossa exposição! Ir ao Instituto N. do Trabalho e pedir justiça! A união faz a força! Recusamos o esendo de aumento!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

UM EXEMPLO DIGNO DE SER SEGUIDO

Os têxteis da Serra da Estrela não trabalharam

A despeito de pressões e ameaças de toda a espécie para que trabalhassem no dia 10 de Junho os nossos companheiros da Serra da Estrela, como um só homem, responderam firme e corajosamente NÃO à campanha chauvinista. Eles não trabalharam, não deram nem um tostão para a guerra colonial!

Como os restantes trabalhadores portugueses os nossos companheiros da Serra da Estrela rejeitaram o seu ódio à guerra colonial e aos que se recusam a aceitar a realidade histórica da libertação e da independência dos povos coloniais.

Ao mesmo tempo que saíam os companheiros da Serra da Estrela pela sua atitude firme e corajosa, «O Têxtil» apela todos os companheiros e companheiras para resistir por todos os meios às tentativas governamentais de arrancarem do nosso salário «dádivas» para a guerra criminoso e terrorista que eles lançaram contra os povos de Angola e da Guiné e se preparam para estender às outras colónias portuguesas.

Mais um fracasso DOS COLONIALISTAS

A pesar de todos os apelos, da larga e cara propaganda e dos cantos de sirena dos colonialistas, estes sofreram mais um fracasso com o dia de Angola no Estádio das Antas. Andaram aviões a distribuir prospectos, automóveis com alti-falantes percorreram a cidade convidando os portugueses a ir à bola e por fim bilhetes dados de borla. Tudo em «águas de bacalhã» senhores colonialistas. Não foi o calor e as fúrias a causa do vosso fracasso. Ele é o resultado do Búle popular à guerra colonial, é o ódio à ditadura fascista e ao seu chefe Salazar. O vosso fracasso é a consequência da solidariedade e do apoio do povo português à luta de libertação do povo angolano.

«O TÊXTEL» saúda o povo português pela sua elevada, corajosa e patriótica atitude e a irma-lhe o seu incondicional apoio e as futuras acções contra a guerra colonial e contra as «dádivas» para tal guerra desumana e anti-patriótica.

Em Junho deste ano anunciámos que mais de 100 operários têxteis dirigiram ao presidente da República uma carta exigindo que seja posto termo à guerra em Angola. Agora foram mais de trinta e cinco operários têxteis do Porto que lhe dirigiram em Agosto uma mensagem onde afirmam: Nós, mulheres portuguesas, que somos Mães, Esposas e Noivas, que temos já unido o coração enlutado para sempre, outras que aguardam a hora terrível em que nos roubem os nossos Filhos, os Maridos ou os Netos, sentimos a dor que nos despedaça e a alma ao ver los partir para nunca mais voltar. Nós, Mães, Esposas e Noivas, não podemos ficar de braços cruzados à espera que nos leven aquilo que de mais sagrado possuímos, sem nada fazermos em sua defesa e da Pátria luto querida. Nós, mulheres, apelamos para o critério de V. Ex.ª, que é o mais Alto Magistrado da Nação, para que ponha termo a esta guerra em Angola. Não queremos ver partir mais jovens para espalhar o luto e a dor onde pode reinar Alérgia, Paz e Felicidade, para bem dos povos de Portugal e de Angola.»

Eis aqui um exemplo a seguir. A morte continua a ceifar vidas de brancos e de negros indefesos, vit-

PAZ EM ANGOLA! REGRESSO DOS SOLDADOS!

Ir buscar lá...

...E FICAR TOSQUEADO

Uma Missão da Acção Social de Castelo Branco andou nas fábricas têxteis da região a propagar a ideia de ir ao trabalho com o capital. Mas na fábrica a Américo de Sousa a Missão spanhou um escalão. Os nossos companheiros foram ouvi-los e fizeram tantas perguntas, desmascararam de tal forma aqueles senhores, que eles se apressaram a ir-se embora com grandes «dódivas» pelo interesse do operário! A associação dos trabalhadores com os patrões não é possível. O que é possível e necessário é a unidade dos operários contra a exploração dos patrões.

mas dum Governo a enviar cada vez mais soldados para Angola. A lista de 110 militares que já perderam a vida nessa guerra está longe do número exacto de mortos. Esse número é ainda muito maior! O número de feridos é também muito grande e dezenas e centenas de jovens soldados vão ficar inválidos para o resto da vida! O número de civis mortos em consequência da guerra também cresce sem parar! Fontes africanas anunciam mais de mil mortos portugueses entre civis e militares! É preciso que cada mãe, cada esposa, cada noiva e cada irmã de um jovem soldado morto em Angola dê a conhecer a sua dor e a transforme em acção, lado junto de outras mulheres mostrar o pálcico resultado a que conduz a guerra colonial: a morte. É necessário levar as mulheres a mur-se e a fazer ouvir a sua voz, dirigindo currais, protestos, petições para que acabe a guerra de Angola. É preciso multiplicar por dez, por cem, por mil, o número de cartas e por muitos milhares as assinaturas dos que exigem o fim da guerra colonial.

A CHAMADA «AMIZADE» dos patrões da Minho

A exploração aumenta e o engenheiro Rodrigues de Carvalho, membro da União Nacional e genro do Delfim Ferreira, tenta enganar os operários, reunindo-os na fábrika para falar da «amizade» dos patrões pelos operários e sobre as dificuldades da fábrika.

Em vez de falar das dificuldades dos patrões digam-nos quanto ganha por mês, quanto foi o dote da mulher, quanto recebe como deputado e doutros apoios que dá ao Salazar e talvez a gente perceba o que é a tal «amizade» dos patrões... de-le, claro, porque a «amizade» dos nossos são salários de fome, multas, castigos, despedimentos, roubos e insultos praticados pelos vendidos aos patrões que são o Justino Machado, o pai de José e o Paiva (gerente.) O Justino até tenta abusar das raparigas!

Comaradas! Todos unidos reclamemos na gerência contra a exploração de que somos vítimas!

FORMEMOS EM CADA EMPRESA UMA COMISSÃO DE UNIDADE

Os problemas com que a nossa classe se debate são dos mais variados. Baixos salários, multas e castigos constantes, roubos frequentes nos nossos salários, ameaça permanente de desemprego, insultos e vexações por patrões e encarregados, ausência de refeições, vestiário, balneários e creches na maioria das empresas, miséria nos nossos lares. As convenções de trabalho que governo e patronato chamam colectivas, mas nas quais não foi ouvida a voz da classe, são consideradas, por isso mesmo, letra morta pelo patronato com a connivência do governo. Os sindicatos foram transformados em organismos ao serviço do patronato e contra a classe. Porém, todos estes problemas agravam-se e vão desaparecendo conforme nós, companheiros e companheiras, actuamos. A passividade e a expectativa convida o patronato, o governo e os lares dos

Companheiras! LUTEMOS PELO SUBSÍDIO DE PARTO

O rico patronato têxtil na América insaciável de maiores lucros, explora e escraviza os operários procura por todos os meios não lhes conceder as necessárias regalias que estes têm alcançado através de longos anos de atenuados esforços e duras lutas. O próprio nascimento de uma criança lhes serve de pretexto para novas machadadas nos nossos direitos. Ainda agora uma operária da FONCAR, do Porto, que depois do seu último parto há mais de um ano e por motivos de saúde não tinha voltado ao trabalho, foi recentemente readmitida. Mas poucas semanas depois, tendo «cheirado» a gravidez que ela se encontrava de novo grávida, despediram-na, só para não serem obrigados a pagar-lhe o mês de salário na altura do parto.

Também nas fábriças dos irmãos ABIEU, em PONTE DE SERVES, Beirã, o Jogo é o mesmo e miserável.

Os patrões chamam as operárias grávidas e pregravadas-lhes «Querem assinar como não querem o subsídio ou preferir ir para a rua?» Há assim operárias a quem os patrões já roubaram subsídios de 4, 5 e 6 partos!

Nós temos que lutar contra este abuso dos patrões. Engravidar não é um crime! É a mulher grávida deve

sindicatos a serem mais ouvidos, mais exploradores e mais inimigos da classe. A acção unida, organizada e firme revela a força de milhares de frabriladores, faz ouvir a voz da classe, o seu descontentamento, a sua revolta por tanta humilhação e escravização. As nossas reivindicações serão atendidas, a classe obterá vitórias.

A experiência da classe mostra que a acção, quando organizada, lhe tem proporcionado vantagens. As Comissões de Unidade, vivas e activas, constituídas por companheiros firmes e honestos e apoiados por todos, é uma necessidade de realização imediata para toda a classe.

Companheiros e companheiras! Em cada empresa elejamos uma Comissão de Unidade, discutamos os problemas que mais nos afligem e vamos todos à gerência coboar a necessidade da sua solução. Junto dos sindicatos exigimos eleições honestas, o estudo dos problemas da classe e a acção sindical pela sua solução. Os homens dos sindicatos que se recusarem a acompanhar-nos é porque não são dignos de lá estarem, são inimigos da classe. Desmascaremo-los e corraos com eles.

Evitemos o plano inclinado da miséria dolorosa para onde governo e patronato nos querem empurrar, formando as nossas Comissões de Unidade e lutando pela satisfação das nossas reivindicações, por uma vida mais feliz e mais desafogada para nós e para os nossos familiares.

merecer ainda maior auxílio: ela precisa de trabalhar para ter dinheiro para o dia a dia e para preparar a vida ao mundo do seu filho. Ela tem o direito de não ser mãe de parto. Tem mesmo direito a muito mais tempo sem trabalhar, como acontece nos outros países.

Mas nós temos de lutar também contra a tendência a ir dizer ao patrão que se preocupe do mês.

Não, companheiras! Esse não é o caminho. O único caminho é lutar pelo mês de parto, de lutar TODAS UNIDAS contra qualquer despedimento por motivo de gravidez. Unidas obrigaremos os patrões a conservar as grávidas no trabalho. Unidas devemos mesmo lutar por um maior subsídio de parto sem trabalho,

A exploração nas EMPRESAS

Fábrica de Tapetes BAETA & IRMAOS, em Miranda do Corvo. — «Hi operários nesta casa a ganhar 8 e 10 escudos. Os patrões têm assim enriquecido escandalosamente. Esta exploração deve acabar!»

FONCAR, do Porto. — Os operários da secção de torcedura pediram aumento. O mestre, em nome do patrão, disse que não podia ser, que as coisas estavam más, que quando houvesse aumento seria para os afilhados e outros que já estavam à espera. Ora os da torcedura não chegam a ganhar metade do que ganham os afilhados. Nós não achamos que os afilhados ganham muito, o que queremos é ganhar mais porque o que recebemos não chega para fazer face à vida cara, agora ainda agravada pela guerra de Angola. Acabem com a guerra, com as despesas de guerra dizem-nos o seguinte!

COMPANHIA DE FIAÇÃO E TÊCIDOS, do Porto. — Foram finalmente despedidas várias tecedeiras por não conseguirem atingir com a sua produção o miserável salário mínimo, apesar de trabalharem com mais de um tear.

As obras são cada vez mais mal pagas e o número de teares aumenta, mas como o fio é mau não pode haver boa produção. Mas disso não querem ouvir falar os gananciosos dos patrões! Os operários rebentam a trabalhar sem conseguirem produzir o que eles exigem e depois ainda são postos na rua!

Temos que nos unir e dizer firmemente: NÃO A LADROEIRA!

UMA INICIATIVA JUSTA!

O Sindicato da Covilhã reuniu com os operários de Tortosendo na Secção local, tendo os operários aprovado a reivindicação de um novo contrato colectivo com aumento geral de salários e exigido a revogação da cláusula que permite aos patrões não pagarem 80 por cento quando um operário não produz para o salário mínimo. A Direcção anunciou para breve a eleição da Direcção da Secção de Tortosendo, tendo os operários eleito logo ali uma lista.

Companheiras! Avante na luta pela satisfação das nossas reivindicações! Apoiemos a realização das eleições e a lista de unidade da classe!

COM TODO O POVO SOVIETICO OS TÊXTEIS DA U.R.S.S. CONSTROEM O COMUNISMO

Na União Soviética foi recentemente publicado o projecto de programa do Partido Comunista da União Soviética, que vai ser apresentado no próximo 22º Congresso desse Partido.

De súa extenso documento, que constitui um grandioso plano para guiar a passos de gigantes a actual sociedade socialista sovietica até ao comunismo, vamos só apresentar alguns dos pontos que mostram as condições de felicidade e de bem-estar que os nossos companheiros da indústria têxtil soviética, a par com todo o povo da U.R.S.S., vão edificar.

A U.R.S.S. vai ser o país com a mais curta jornada de trabalho. Para começar a semana de 30 a 36 horas, seguida de novas reduções, todas sem diminuição de salários.

A U.R.S.S. vai ser o país com a mais bem paga jornada de trabalho, através de sucessivos aumentos de salários, de salários baixos de preços dos artigos de consumo e da supressão dos impostos sobre os rendimentos.

Os rendimentos reais dos operários serão o dobro em 10 anos e os dos camponeses aumentarão 4 vezes em 20 anos.

Em 10 anos a União Soviética ultrapassará a produção dos Estados Unidos, mesmo per habitante.

Em 20 anos a União Soviética multiplicará per SEIS a sua produção industrial.

A produção agrícola será multiplicada por duas vezes e meia nos próximos 10 anos e por três vezes e meia nos próximos 20 anos.

A electrificação será total. A U.R.S.S. produzirá em 1970 mil bilhões de quilowatts por hora (KWH) e em 1980 produzirá 3 mil bilhões ou seja 45 vezes mais do que a França.

A U.R.S.S. produzirá dentro de 10 anos 250 milhões de toneladas de aço por ano. (Os Estados Unidos em 1960 produziram 91 milhões e a França pouco mais de 17 milhões).

Mecanização integral da indústria, dos transportes e da agricultura em 10 anos.

Automatização em escala massiva, sem desemprego e com menos horas de trabalho por dia e mais bem pagas.

Uma agricultura científica.

Aumento rápido da produção de artigos de grande consumo.

Em 1970, TRÊS vezes mais de carne. DUAS vezes mais de leite.

Desvio para as regiões áridas dos rios do norte da Sibéria.

Assistência médica gratuita para todos, com medidas especiais para as mulheres, as famílias e os jovens.

Aates de 1980 as casas, os transportes urbanos, o aquecimento, a água, a luz e as refeições do meio dia nos locais de trabalho, INTEGRAMENTE GRÁTIS.

Ensino secundário completo e gratuito.

Por outro lado o Projecto de Programa prevê:

A elevação do papel dos Sindicatos e dos outros organismos sociais.

A democracia socialista desenvolvida e aperfeiçoada. Centenas de milhares e de milhões de cidadãos participarão activamente na direcção dos negócios públicos.

Os organismos dirigentes do Estado serão sistematicamente renovados. A supressão progressiva das principais diferenças entre a cidade e o campo.

Este programa para a passagem do socialismo ao comunismo poderia ser acelerado se as potências ocidentais aceitassem as propostas

Escolhas para deputados

(continuação da pag. 1)

forças da Oposição convém que seja rapidamente vencido. Organizando a nossa acção para as próximas eleições participemos desde já nas discussões para a escolha e divulgação dos candidatos adequados para a elaboração dos seus programas.

As eleições para deputados vão realizar-se num momento particularmente grave da vida do país. A continuar, a guerra colonial que é imposta à nação contra os interesses do povo português, arrastará Portugal à ruína. Os efeitos da guerra já são demasiado dolorosos na vida do nosso povo. Uma das aspirações mais sentidas por toda a nação, com excepção dum punhado de colonialistas, é que termine a guerra colonial, regressem os soldados e sejam entabuladas negociações com os representantes dos povos de Angola, da Guiné e das outras colónias portuguesas - com vista à sua independência.

Por outro lado, todos quantos estão interessados na democratização de Portugal não podem alheiar-se das próximas jornadas políticas e da luta que se vai travar pelo respeito da legalidade, pela seriedade e honestidade das eleições e pela fiscalização do acto eleitoral.

AVANTE NA FORMAÇÃO DE CENTENAS DE COMISSÕES ELEITORAIS!

soviéticas de desarmamento universal e completo.

No Projecto diz-se ainda que o problema capital dos nossos dias é o da guerra e da paz; que é essencial é impedir que estale uma guerra termo-nuclear; que a guerra mundial pode ser evitada se os povos e as forças da Paz se unirem e se opuserem resolutamente às forças da guerra; que a coexistência pacífica entre Estados socialistas e capitalistas é uma necessidade objectiva; que eliminar a guerra e instaurar para sempre a paz é a missão histórica do comunismo.

Nós, têxteis portugueses, operários e operárias pacíficos, saúdamos este programa de paz e de felicidade e desejamos aos nossos companheiros têxteis soviéticos os maiores sucessos na sua participação à construção da sociedade sem classes, sem exploração e sem guerras.

TRANSFORMEMOS O 5 DE OUTUBRO NUMA GRANDE JORNADA ELEITORAL

Já 51 anos que foi implantada em Portugal a República e, com ela, a Democracia. A despeito de 35 anos de ditadura fascista nunca a Democracia desapareceu das aspirações do nosso povo e todos os anos as campanhas dos republicanos desaparecidos se cobrem de flores e de votos de pronto restabelecimento da República Democrática.

Este ano, não podemos esquecer esse magnífico exemplo de lealdade à República e à Democracia que foi o Professor António Luís Gomes, recentemente falecido. Homageneando o rendimento também a nossa homenagem à ideia que sempre defendeu: a unidade republicana deu a vitória de 1910; a unidade democrática dará nos nossos dias a vitória da Democracia sobre o fascismo.

A comemoração do 5 de Outubro integra-se já no período eleitoral. Aproveitemo-la para realizar sessões públicas, romagens, etc. Façamos do 5 de Outubro uma jornada popular e de massas de luta pela democracia, pela realização de eleições honestas, pela eleição dos candidatos populares.